

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 29

A Novíssima
Geração



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago

ALCANÇO

Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcanço Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcanço.com.br / e-mail: alcanço@editoraalcanço.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



A Novíssima Geração

Cada compositor, já vimos, resulta da conjuntura histórica, social, política, econômica e cultural relativa ao período e área generacional em que surge. Há aí a ação de infinitas variáveis convergindo para o resultado prático de sua obra. Cada um deles significa um patamar de uma escada construída degrau por degrau através do tempo, uma corrente ligando, elo a elo, o passado, o presente e o futuro. Podemos, no geral destes fascículos, ver com relativa clareza o sucedâneo de fatos históricos geradores de fases da nossa música, soterrando ou impulsionando movimentos culturais, carreiras individuais e gêneros musicais. Se, no raiar do século XX, o Rio Grande do Sul produzia um determinado tipo de música, ou melhor, vários tipos bem determinados de música, na virada deste para um novo século, podemos também mensurar as tendências, hoje, ainda mais múltiplas.

Os personagens enumerados neste fascículo representam a geração de transição do século XX para o XXI. Trazem em si a carga de toda a nossa história, e é visível a multiplicidade de gêneros musicais, aliada à habilidade de cada um lidar com novos e antigos conceitos musicais e tecnológicos, com os sistemas de industrialização e de mercado de seus trabalhos.

É possível (e compreensível) que eles nem tenham a consciência de sua própria representatividade, mas é na geração deles que o Rio Grande deposita suas esperanças. Responsabilidade demais para os guris? Não cometamos o erro de subestimá-los. Eles são o ápice histórico da nossa cultura e, tal como os cavalos crioulos, estão geneticamente preparados para isto, basta ver o profissionalismo de suas atuações. Mesmo praticando gêneros musicais diferentes entre si, o que já representa o resultado de um século de música, eles têm vários pontos em comum. Destes, podemos destacar a capacidade técnica em suas áreas específicas e a profissionalização na condução de suas carreiras, na maioria das vezes determinada por fatores pragmáticos e nada românticos. Os caminhos são diferentes, mas a busca é a mesma. Se Frank Solari e Solon Fischbone são fenômenos em seus instrumentos, guardando diferenças de gênero e de inserção de mercado, Piá representa a ascensão da cultura das periferias urbanas de todo o planeta refletida em Porto Alegre. Yamandu Costa, por sua vez, é a fusão dos ritmos regionais brasileiros (com ênfase natural ao Rio Grande do Sul) e sul-americanos. Açambarca desde a execução erudita até as mais avançadas técnicas de digitação de guitarra, sem perder de vista a cultura gaúcha, herdada dos pais. Músicos do porte de Toquinho, Guinga e Paulo Moura, vêm nele um caminho novo para toda a história do violão brasileiro. E este menino, cabe ressaltar, desde o ventre materno convive com o lado mais profissional da música gaúcha, tendo que sustentar sua família, ainda na adolescência, com o resultado prático de seu violão.

Há ainda Juli Manzi, "Júpiter Maçã", Henri Lentino, Leandro Rodrigues, Luciano Maia, "Bidê ou Balde", Marcelo Delacroix, Frank Jorge, Edu K, Marcelo Caminha, "Se Ativa", "Pagode do Dorinho", "Da Guedes", "Comunidade Ninjitsu", "Bataclã FC", "Hard Working Band", "Acústicos & Valvulados", "Café Acústico", "Tribu Wudu", e, enfim, uma promissora geração que, nos mais diversos estilos, galga vigorosamente os degraus de nossa história musical a caminho da evolução. Neles se concentram nossas melhores expectativas para o futuro da música do Rio Grande do Sul.



Cronologia Biográfica: Frank Solari

1972 - Nasce em Porto Alegre a 25 de março.

1978 - Ingressa no Colégio Anchieta e recebe aulas particulares de piano.

1981 - Ingressa no Curso de Extensão Musical da UFRGS.

1985 - Conclui o Curso de Extensão em Piano Clássico e Teoria Musical da UFRGS. Inicia de forma autodidata o estudo de guitarra elétrica. Em um antigo toca-discos, colocava vinis de grandes instrumentistas de jazz e atrasava a rotação para acompanhar nota por nota; assim, quando já conseguia reproduzi-las com exatidão, partia para a rotação normal.

1988 - Conclui os estudos no Colégio Anchieta.

1989 - Começa a compor (a primeira foi "Texa's Rose") e, ao lado do irmão Roger, Phillip Powell e Renato Schneider forma seu grupo instrumental. Destaca-se logo nos primeiros shows em Porto Alegre, interpretando o repertório de grandes guitarristas como Joe Satriani e Steve Vai.

1990 - Grava, com Roger e o baterista Paulo Arcari, as primeiras composições. Ao lado dos guitarristas Carlos Martau e Duca Leindecker, realiza espetáculo acústico que conquista definitivamente o público e a crítica do RS.

Este trabalho é reconhecido pela imprensa especializada como o principal momento de imposição da música instrumental da nova geração e rendeu a Frank Solari e Duca Leindecker a consolidação de suas carreiras.



1991 - Devido à repercussão obtida nos anos anteriores, Frank e Duca são convidados a abrir os shows da turnê brasileira de Bob Dylan.

Apresentam-se no Gigantinho (P. Alegre) para mais de 10 mil pessoas e seguem para o Imperator, no RJ, e mais duas noites no Palace (SP). Frank já é nacionalmente reconhecido pela técnica apurada e a espantosa capacidade de execução. É convidado por Robertinho do Recife para dividir o palco em show no Auditório Araújo Vianna (P. Alegre).

Após participar do show de Vitor Ramil com a "Orquestra de Câmara do TSP", retorna para o Rio, onde toca com o grupo "Cheiro de Vida" e com o guitarrista Torquato Mariano.

1992 - Com o irmão, viaja para Los Angeles, onde mora seis meses. Torna-se o primeiro guitarrista brasilei-

Solo de "Miles"

Faixa do CD "Frank Solari, Um Círculo Mágico", 1998.

Trecho de partitura por Frank Solari.



ro a figurar nas colunas de novos talentos das revistas americanas *Guitar Player* e *Guitar World* com significativos elogios.

De volta ao RS, monta o grupo com Roger (baixo), Kiko Freitas (bateria), Fernando do Ó (percussão), Michel Dorfman (teclados) e Pedro Figueiredo (sopros).

1993 - Frank faz participação especial em show da banda "Barão Vermelho" e, com Roger, toca com o baterista internacional Billy Cobham, em Porto Alegre. Torna-se o primeiro guitarrista brasileiro patrocinado por uma multinacional de equipamentos musicais (Fender), inaugurando uma longa série de patrocínios (*endorsements*).

1994 - O seu primeiro CD (homônimo), gravado em 93, chega às lojas de forma totalmente independente e esgota rapidamente a tiragem.

O compositor e empresário Ronaldo Bastos lança o CD para o mercado nacional através do selo Dubas.

Frank participa dos shows do saxofonista Léo Gandelman, no RS.

1995 - Agraciado com o Prêmio Açorianos em três categorias: Melhor Instrumentista de Cordas, Melhor Trabalho em Música Instrumental e Melhor Espetáculo.

Segue para temporada no Rio Jazz Club (RJ), com participações especiais do baixista Arthur Maia e do guitarrista Torquato Mariano e, posteriormente, realiza turnê por várias capitais do país.

1996 - Apresenta-se em Buenos Aires com Vitor Ramil e Pedro Aznar. Participa dos shows de inauguração da cobertura do Auditório Araújo Vianna (P. Alegre) ao lado da banda Bixo da Seda. Apresenta-se no Free Jazz Festival, em P. Alegre.

1997 - Participa da turnê de lançamento do CD *UM*, de Baby do Brasil. Apresenta-se no RS Guitar Festival, ao lado do guitarrista Stanley Jordan.

Inaugura o *site* www.franksolari.com, através do qual distribui com sucesso seus discos para vários países como EUA, Canadá, Itália e França.

1998 - Apresenta-se em Cannes (França), com Zé Gomes, Alex Fonseca e André Gomes. Integra projeto da SMC/POA, apresentando-se em Montevideo e Buenos Aires. Inaugura, em sociedade com o irmão, o seu próprio selo fonográfico Solari Records.

Lança os CDs *Frank Solari - Um Circulo Mágico* (co-produzido por Martau) e *Tritone*, com os guitarristas Edu Ardanuy e Sérgio Buss. Participa do CD *Guitarras - Vol. 1* (coletânea com os guitarristas Sydney Carvalho,



Sérgio Buss e Rafael Bittencourt, entre outros).

Participa do livro "Fifteen - Os Mestres da Guitarra" (livro didático com participação de Tomati, Kiko Loureiro e Pollaco, entre outros).

1999 - Em Salvador (BA), participa do show "Guitarra Brasil" com Pepeu Gomes, Armandinho, Robertinho do Recife, Carlinhos Brown e Luiz Caldas.

Duplamente premiado no Açorianos de Música como Melhor Instrumentista de Cordas e Melhor Disco Instrumental por *Um Circulo Mágico*.

Lança a vídeo-aula "Técnica Aplicada ao Fraseado - Vol. I". É lançada, pela fábrica Cheruti, a Guitarra Modelo Frank Solari, desenhada e concebida pelo próprio.

2000 - Lança o segundo volume da série de vídeo-aulas. Eleito vice-presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

2001 - Desenvolve intensa série de shows e *workshops*, e dedica-se à conclusão de seu novo álbum *Acqua*, gravando com Pedro Tagliani, André Gomes e Pepeu Gomes em seu próprio estúdio, com lançamento oficial previsto para 2002.



Cronologia Biográfica: Yamandu Costa

1980 - Nasce em Passo Fundo (RS), a 24 de janeiro de 1980, filho de Jesus Algacir Costa e Clari Marcon. Yamandu vem de uma família de músicos.

O pai, Algacir, fundador do conjunto "Os Fronteiriços", foi um dos grandes músicos do RS. Multi-instrumentista, arranjador e autor de vários métodos de ensino de música, desenvolveu a musicalidade do filho desde tenra idade. Mas a história musical da infância de Yamandu foi muito além. A mãe, cantora, participava do conjunto de Algacir. Dois dias antes do nascimento do menino, ela estava no palco cantando.

Yamandu criou-se "dormindo sobre os pelegos", viajando com o conjunto ainda no colo da mãe, brincando com instrumentos e equipamentos de som.

1984 / 1986 - A família muda-se para Porto Alegre. No Pulperia (primeiro grande bar nativista da ci-



dade), Yamandu destaca-se como "atração mirim", cantando no meio dos maiores músicos gaúchos. Aliás, a precocidade levava-o a detestar o convívio com os colegas de escola. Lúcio Yanel, um dos maiores violonistas argentinos, passa algum tempo morando com Algacir.

Yamandu começa a aprender os segredos do mestre ao violão. Lúcio Yanel tornar-se-ia seu grande professor, instruindo-o sempre que possível.

1990 / 1992 - Por esta época, o pai muda-se para o Mato Grosso, e Yamandu dedica-se obstinadamente ao instrumento (dez a doze horas por dia). Algacir é acometido de grave enfermidade. Clari traz o filho de volta a Porto Alegre.

1995 / 1996 - Aos quinze anos, torna-se um grande instrumentista e espanta o meio musical gaúcho com seu talento.

Começa a ganhar muitos prêmios em festivais, entre eles o de Melhor Instrumentista na Califórnia da Canção de Uruguaiana (feito repetido em 97).

Agrava-se o estado de saúde do pai. Yamandu precisa ajudar no sustento da família e na aquisição de medicamentos; passa a trabalhar cada vez mais, amanhecendo nos bares, aguardando o horário dos transportes coletivos para economizar.

1997 - Algacir falece a 18 de janeiro. Mesmo muito abatido, Yamandu prossegue trabalhando. A família precisa de sua ajuda, tem ainda um irmão doente, e entrega todo o pouco dinheiro que consegue para a mãe. Seu talento impõe-se.

Grava em vários discos com Plauto Cruz, Mano Lima, Raulito Barbosa, Luiz Carlos Borges e Henrique Mann, entre outros.

Em novembro, a grande chance: uma apresentação ao lado de ninguém menos do que Baden Powell, dentro do Projeto Retratos do Brasil, em Porto Alegre. Até então usava o seu nome alterado para "Diamandu", para reforçar a pronúncia castelhana.

1998 - Recebe o Prêmio Açorianos de Música na Categoria Revelação. Apresenta-se em São Paulo integrando o conjunto de Renato Borghetti, no Projeto Brasil Musical, do Banco do Brasil. É convidado para turnê pelo interior paulista com Borghetti e Almir Sater.

1999 - Convidado a gravar em Nashville (EUA), por produtores que haviam assistido às suas apresentações com Renato Borghetti. A gravação acontece, mas o disco não é lançado.

De volta ao RS, compõe a trilha sonora do CD-ROM do Projeto Cone-Sul - Adereços Indígenas e Vestuários Tradicionais e retorna a São Paulo para vários shows.



2000 - Realiza quatro shows dentro do Projeto Circuito Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, onde fixa residência e fica tocando em casas noturnas.

Começa a ser reconhecido no meio musical e pela imprensa paulista.

2001 - Já morando no Rio de Janeiro, viaja a Porto Alegre para gravar o CD *Dois Tempos* (ACIT), com o mestre Lúcio Yanel, produzido por Luiz Carlos Borges. Antes do lançamento, em julho, vence o Prêmio Visa de Música, estourando nacionalmente.

Músicos como Guinga e Paulo Moura rendem-lhe homenagens. Toquinho diz que "ele é a proposta mais viva de um violonista brasileiro, é de uma criatividade enorme e trabalha um som sem fronteiras".

O baiano Armandinho define-o como o sucessor de Rafael Rabelo e Baden Powell, afirmando que "ele é a continuação do violão brasileiro. O fato de não ter o lado acadêmico o torna mais livre".

Estas duas declarações foram colhidas da capa do segundo caderno do jornal O Globo (RJ), dedicada a Yamandu Costa em 26 de julho, sob a manchete: "Das cordas coração - gaúcho de 21 anos é o novo fenômeno do violão".

Depois de apresentar-se no Festival de Guitarras,

no Chile, dia 25 de outubro, no Rio, ele é o principal destaque do Free Jazz Festival. Aumenta geometricamente o reconhecimento nacional de seu trabalho.

No dia 29 de outubro, Tárík de Souza publica no Jornal do Brasil uma matéria que dá bem a dimensão deste fenômeno. Inicia descrevendo Yamandu como "um gorducho de longas melenas que atua pilchado, de botas pretas e literalmente devora seu instrumento". Acrescenta declaração de Nelson Motta: "Ele tem uma relação sexual com o violão". Reconhece diversas qualidades em sua execução, comparando-o, como de hábito, a Baden Powell, Raphael Rabelo e acrescentando Garoto e Jimi Hendrix.

De tudo, talvez, o mais importante seja a conclusão de Tárík: "A insustentável leveza de seus 21 anos flutua no espírito anárquico, na falta de pose e na ausência do pedestal que ele já merece. É um gênio da raça. E vai ganhar o planeta. Aguardem". Vindo de um musicólogo do porte de Tárík de Souza, o elogio tem maior peso, apesar de elogios já estarem tornando-se comuns ao violonista.

Aqui no Rio Grande, porém, sem ufanismo nenhum, ninguém duvida. Yamandu é um dos maiores músicos já surgidos no Rio Grande, no Brasil e no mundo. Para nosso orgulho, é gaúcho "dos quatro costados" e faz questão de deixar isto bem claro. Para a história da nossa música significa o ápice da evolução na virada do século e do milênio. A nossa música está viva, pulsante e forte; ainda é capaz de produzir gente como Yamandu.



Show com Henrique Mann, em 1998.



Movimento Hip-Hop

O *hip-hop* é um movimento cultural originário dos Estados Unidos, com epicentro nos bairros nova-iorquinos Brooklin e Bronx. Baseia-se, principalmente, na cultura jamaicana levada por imigrantes centro-americanos nos anos 70, em que os MCs (Mestres de Cerimônia) e os DJs (disc-jóqueis) percorriam as ruas convocando para as festividades com discursos sobre fundo musical, já com as características fundamentais que hoje se conhece deste gênero.

O movimento é composto por quatro elementos básicos: dança (*break*), poesia (*rap*), música (comandada pelas mixagens do DJ sobre temas musicais predominantemente afro-americanos) e o grafite (artes plásticas). No Brasil, o *hip-hop* dissemina-se rapidamente pelas periferias dos grandes centros urbanos desde o início dos anos 80.

Em Porto Alegre, é crescente o número de grupos praticantes de *hip-hop*, bem como do público deste segmento, que aparece com evidência no grande número de composições do gênero no Festival de Música de Porto Alegre e na geração pela TVE do programa especializado "Hip-Hop Sul".

Piá

Piá é um dos precursores do Movimento *Hip-Hop* no RS. Nascido em Porto Alegre a 10 de agosto de 1973, passou a infância nos bairros Medianeira, Glória, Partenon e Teresópolis, onde montou, em 1984, um grupo de dança *break* e travou contato com o *rap*.

Em 1989, criou a banda "Lords", com a qual passou a apresentar-se em festas da periferia, chegando rapidamente às principais casas noturnas da cidade.

Em 1995, com a banda, grava o disco *O Homem Errado* (alusão ao caso de Júlio César, assassinado pela polícia ao ser confundido com um assaltante ao ter um ataque epilético, próximo ao local do crime). Neste mesmo ano, participa da coletânea *Outros Sons da Restinga* e inicia suas atividades como comunicador, apresentando o programa "Projeto Rap POA", na Rádio Ipanema. Este programa impulsiona grandemente o gênero, sendo Piá o primeiro *rapper* gaúcho a conduzir seu próprio espaço radiofônico.

Em 1996, produz a primeira coletânea de *rap* do estado, reunindo treze grupos de Porto Alegre, com patrocínio da Prefeitura Municipal. Lança, também, seu primeiro disco individual *A Grande Caminhada* (pelo selo Nosso Som).

Em 1997, lança o disco independente *Coisa du*

Demu e atua intensamente como agitador cultural, promovendo vários eventos.

Em 1998, depois de iniciar uma oficina de *hip-hop* para internos da Febem, grava com os "Cowboys Espirituais" (Júlio Reny, Frank Jorge e Márcio Petracco) a música *Jovem Cowboy*, introduzindo uma mistura de bombo leguero com guitarras e batida *funk*. A canção é premiada internacionalmente pelo CMT (Country Music Television-Miami/EUA), como Revelação da América Latina.

No ano 2000, Piá foi colaborador do programa "Folharada", da TV Bandeirantes, onde apresentava um quadro de *rap* e *skate*, lançando, ainda neste ano, o disco *Um Pouco Sobre Todos Nós*, pela gravadora Trama, demonstrando grande versatilidade como compositor e produtor.

Em 2001, recebe o Prêmio Açorianos de Melhor Disco de Rap e inaugura o Centro Cultural Redenção, onde promove shows musicais e oficinais de discotecagem, *break*, grafite, capoeira e exposições de arte.



Somos Oprimidos - Fabrica de Quadrinhos



Da Guedes

Surgido em 1993, na rua Guedes da Luz do bairro Partenon (POA), o "Da Guedes" é uma das principais forças do *hip-hop* gaúcho.

Com um disco lançado nacionalmente pela gravadora Trama, o grupo acumula vários prêmios nacionais e regionais, com destaque para o Prêmio Açorianos Categoria Disco de Rap, em 1999.

Festival de Música de Porto Alegre

Desde 1998, a cidade de Porto Alegre realiza anualmente um festival imenso. Na verdade, são dezessete festivais dentro de um. A cidade é dividida em 16 regiões do chamado Orçamento Participativo e, em cada uma delas, concorrem doze músicas das quais a vencedora disputa a final, tradicionalmente realizada no Auditório Araújo Vianna.

Cada edição tem as finalistas gravadas em CD. Os números impressionam e dão bem a dimensão da produção musical da capital gaúcha: em quatro anos, foram inscritas 3822 composições; 95 mil pessoas assistiram às apresentações; contando-se os grupos concorrentes e os shows, passaram pelos palcos, aproximadamente, 5 mil artistas.

A importância deste evento é inestimável. Só o fato de apresentar aos concorrentes a necessidade de organização para a inscrição (feita através de fita ou CD), já proporciona importante avanço social, sobretudo às comunidades periféricas. Mas é na revelação de novos talentos que está a principal virtude do festival.

O grupo "Café Acústico", vencedor da edição de 1999, com a canção *Retirantes*, foi premiado, no mesmo ano e em 2000, com o Troféu Açorianos de Melhor Grupo de MPB.

Café Acústico





Bataclã FC

Outro exemplo de destaque proporcionado pelo evento é o grupo "Bataclã FC". Vencedor regional da Glória, em 99, e indicado ao Açorianos na Categoria Revelação Pop Rock, em 2000, os rapazes realizaram contagiante apresentação na Argentina, dentro do Projeto Porto Alegre em Buenos Aires, em 2001.

Venceram o festival, além do já citado "Café Acústico", o compositor Xandele (1998), Daniela Xavier (2000) e Daniel Hoeltz (2001).

Anualmente as novíssimas gerações de músicos locais experimentam suas forças no Festival de Música de Porto Alegre. Este exercício já está gerando seus frutos, tanto sobre o palco quanto em torno dele.

As comunidades têm seus artistas locais contemplados com a chance da apresentação de seus trabalhos em equipamentos profissionais. Este é, certamente, um caminho possível de crescimento coletivo.

O Blues no RS

O blues é um gênero afro-americano originário dos EUA, em que os músicos são empíricos e instintivos.

Desenvolvido secularmente pelos negros americanos a partir de cânticos rurais como o *spiritus*, ganhou forma definitiva e expressão após a abolição da escravatura naquele país.

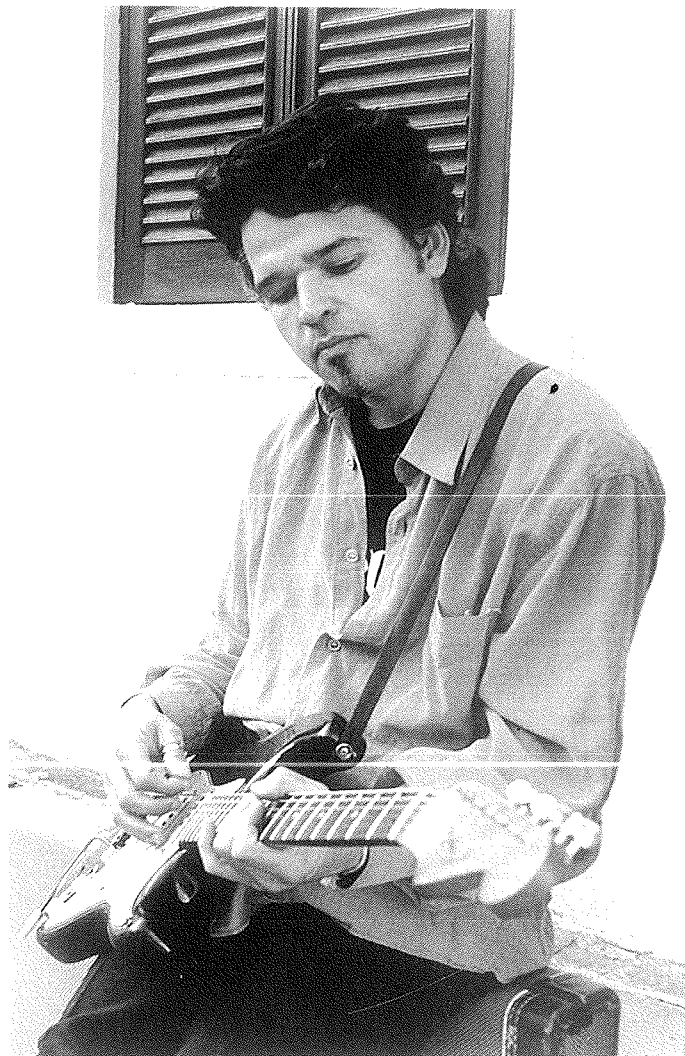
O Rio Grande do Sul já recebeu e absorveu bem várias formas musicais oriundas dos EUA, haja vista a grande receptividade ao jazz, nos anos 20, até o reduto atual nacionalmente reconhecido do rock, além das recentes afirmações do reggae e do *hip-hop*.

Sob várias formas, artistas dos anos 70, 80 e 90, como Nei Lisboa, Júlio Reny ou Beбето Alves, já haviam incorporado, eventualmente, vários elementos do blues aos seus trabalhos, mas a linguagem puramente "blueseira", é um fenômeno dos anos 90, quando surgem vários autênticos *bluesman* com grande potencial e estilo. Claro, houve tentativas anteriores, nos anos 80, com o som anárquico de "Moreirinha e os Suspiram Blues", e mesmo o guitarrista Mutuca volta e meia metia algum blues no seu rock'and roll.

Organizadamente, porém, a coisa ganha força nos anos 90, quando além de músicos altamente especializados e técnicos no gênero, começa a haver público efetivo e casas com espaços específicos. O blues gaúcho ganha reconhecimento nacional e vários bons discos são lançados.



Solon Fischbone



Solon Fischbone Coelho, nasceu a 27 de setembro de 1967, em Caxias do Sul.

Começou tocando contrabaixo na banda "Prize", em 1984, com a qual chegou a gravar uma faixa no disco *Rock Garagem - II* (Antídoto).

Em 1987, com a saída de Duca Leindecker, assumiu a guitarra até a dissolução da banda, em 89. A partir daí, passou a dedicar-se exclusivamente ao blues, integrando, junto com o irmão André Coelho, a banda "Bluesmakers".

Em 1992, cria a célebre banda "Solon Fischbone y los Cobras".

Em 1994, com o lançamento do disco *Blues From Southlands*, vem o reconhecimento geral. O trabalho, primeiro disco brasileiro de blues calcado no estilo texano, recebe o Prêmio Açorianos de Melhor Disco do Ano, vendendo 10 mil cópias.

Apresenta-se em vários estados brasileiros e em

programas de alcance nacional, como o de Jô Soares.

Em 1996, Solon e sua banda gravam o álbum *Heart & Soul*, com produção de Charles Gavin (dos Titãs), consolidando seu nome nacionalmente e estendendo as apresentações às principais cidades da América do Sul.

Em 1998, Solon e banda passam a tocar com Alex de Souza, Fernando Peters e Ricardo Siviero, resultando desta união o CD *Blues Galore* (lançado pela Antídoto). Este disco tem recebido muitos elogios de revistas, como a *Guitar Player* e *Cover Guitar*, apontando-o como um novo caminho para o blues nacional.

Desde então, Solon tem participado de grandes eventos voltados para o blues, como o Natublues Festival e Blues Brasil, em São Paulo. Em 2001, apresentou-se em Dallas/Texas.

Fernando Noronha

Um dos principais nomes do blues local que começa a ganhar projeção nacional e internacional.

Em 1995, lançou profissionalmente, acompanhado pela banda "Black Soul", seu primeiro disco, *Swamp Blues* (de 1996). Foi eleito pelos ouvintes da Rádio Ipanema FM, como o melhor disco gaúcho do ano.

O segundo disco, *Heartfull of Blues*, produzido pelo americano Richard Chalk e masterizado em Dallas/Texas, foi apontado pela Revista *Cover Guitar* como um dos melhores discos de blues/rock já gravados no Brasil.

Em 2000, o seu terceiro disco, *Blues From Hell*,





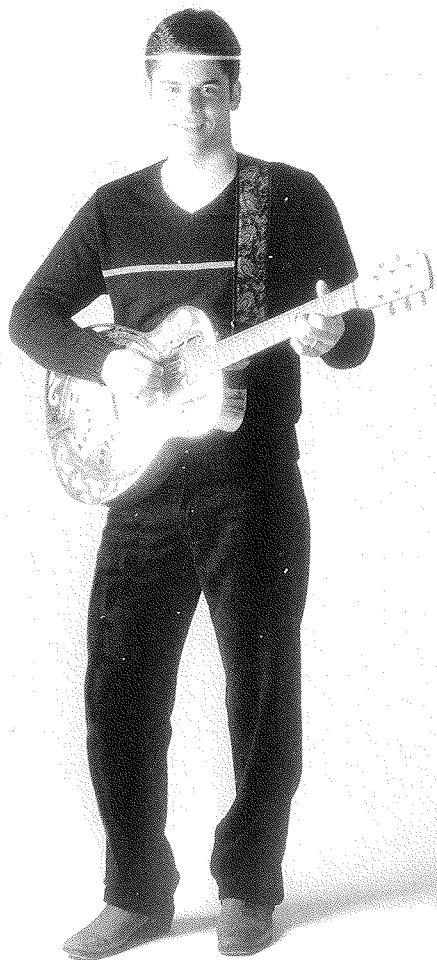
levou-o à turnê europeia por países como Espanha, Bélgica, Áustria e Holanda, onde gravou o quarto disco, com lançamento previsto para abril de 2002.

À sua experiência internacional somam-se apresentações no Chile, EUA e Argentina, tendo feito shows de abertura para nomes como BB King, Buddy Guy e Jeff Healey, além de dividir palco com Coco Montoya, Ron Levy, Holland K. Smith e Phil Guy. Fernando Noronha é reconhecido pela crítica e tem público em vários estados brasileiros.

Vinícius Silveira

Especialista em *slide-guitar*, o porto-alegrense Vinícius Silveira começou a tocar em bares e casas noturnas aos dezesseis anos de idade. Costuma apresentar composições próprias entre clássicos do blues, em seus shows.

É um dos jovens nomes do gênero em ascensão, tendo já participado de eventos internacionais como Na-



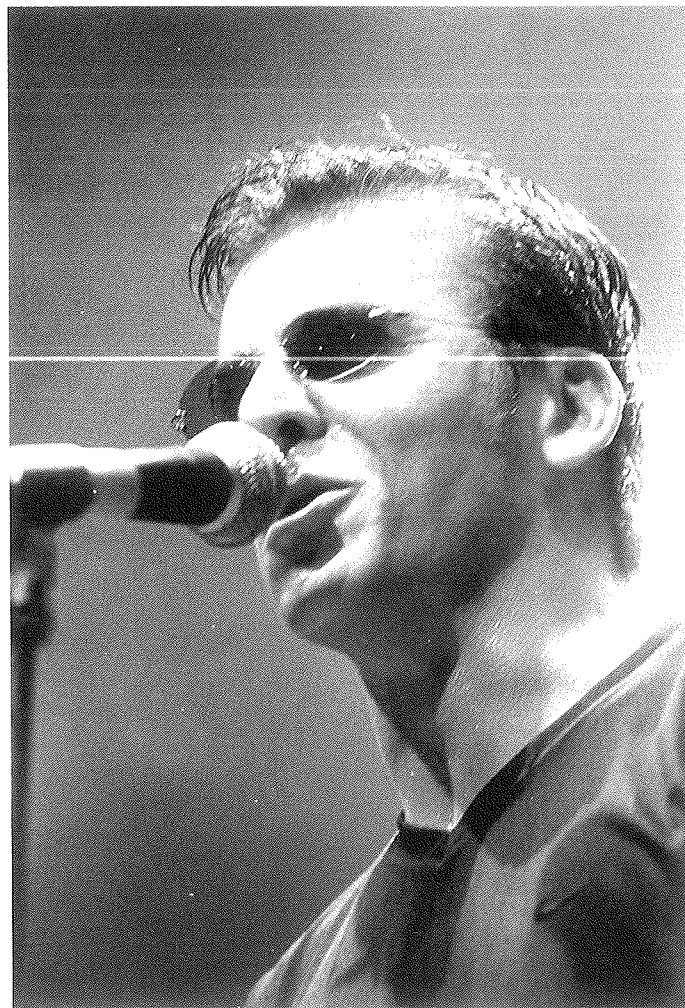
tubues Festival, Miller Time & Blues e La Noche del Blues, em Santiago do Chile.

Em 1997, participou com quatro músicas da coletânea *Blues 4 POA* (Selo Antídoto), CD laureado com o Prêmio Açorianos da categoria.

Em 1998, lançou o CD *Slidin'n'Harpin*, ao lado do gaitista Andy Boy.

Em 2001, pela RBS/Som Livre, lança o CD *One Man's Blues* com composições próprias e produção de Solon Fischbone.

Andy Boy



Andy Boy é um gaitista e intérprete de blues. Músico desde 1990, iniciou seu trabalho solo no gênero em 1994, depois de integrar a banda "Rola Stones" como baterista, gaitista e *backing vocal*.

A banda que o acompanha é a "The Blue Planets", com a qual executa shows de grande empatia com o público. Trabalha freqüentemente com Fernando Noronha,



Solon Fischbone e, especialmente, com Vinícius Silveira, com quem gravou o CD *Slidin'n'Harpin*, em 1998. Andy Boy é um dos principais músicos de blues do Rio Grande do Sul e o mais evidente em seu instrumento.

Em 2001, lança o CD *Bluemind*, ao lado da "The Blue Planets", elogiado pela crítica e por caras do ramo, como André Cristóvão: "Talento muita gente tem. O que Andy Boy conseguiu, foi transformar seu talento numa realidade musical muito agradável de ser apreciada", diz a fera.

O Reggae

Tal como o jazz, por volta de 1924, o rock, a partir dos anos 60 e, mais recentemente, o blues ou o *hip-hop*, o gênero jamaicano foi bem assimilado no Rio Grande do Sul. Esteve presente por várias décadas de maneira difusa na obra de diversos compositores contemporâneos, mas foi no início dos anos 90, com o surgimento das bandas "Produto Nacional" e "Motivos Óbvios", que o reggae local passou a ter público próprio e uma identidade específica.

Neste final de século, o Rio Grande do Sul entra no grupo dos cinco maiores mercados consumidores e



Capa do CD "Reggae às Pampas".

produtores de reggae no Brasil. Há grandes bandas de outros estados que vêm lançar aqui seus discos prioritariamente. As bandas locais proliferam e surgem



Motivos Óbvios



grandes shows coletivos e lançamentos de várias coletâneas fonográficas.

Terão os discípulos de Marley estabelecido aqui um novo grande mercado? O tempo dirá, mas, ao que tudo indica, o reggae gaúcho já é uma realidade.

Além das já citadas pioneiras, seguem a estrada as novas "Leão de Judá", "Alelujha", "Pure Feeling", "Planet Roots", "Rastamanos", "Rastamen"... como diz o povo do reggae "é uma pedrada de responsa!".

Motivos Óbvios

Criada em abril de 1990, a "Motivos Óbvios" desenvolveu uma carreira na base de muita estrada e shows. Já se apresentou ao lado de grandes bandas do gênero, como "Cidade Negra" e "Tribo de Jah".

É formada por Renato Lubianca, Branca, Rick Carvalho, Everton Martins, Amauri Coppeti, Günter, Humberto Martins, Gelson Renato e a personalíssima cantora Marieti Fialho, chamada a "Dama do Reggae de Porto Alegre".

A banda está entre as pioneiras do reggae em Porto Alegre, mas ainda não tem disco solo. Seus registros

fonográficos estão nas coletâneas *Reggae às Pampas*, *Tri Legal do Reggae* e *Porto Reggae*.

Produto Nacional

Formada em 1989, a "Produto Nacional" representa a encarnação gaúcha do reggae, tanto musical quanto de atitude. Tem forte empatia com o público do segmento e busca fusões com MPB e jazz.

Já participou de grandes shows ao lado de nomes como "Midnight Oil", "Pato Baton", "Skank", Luis Melodia, Gabriel Pensador, Bezerra da Silva e Chico César. Um dos seus shows mais importantes foi no Festival de Rap e Reggae do Vale de Anhangabaú (SP), para um público de 50 mil pessoas.

A "Produto Nacional" já participou de muitas coletâneas e não apenas de reggae: *Rock Garagem-3*, *Porto Reggae*, *Reggae às Pampas*, e *Tri Legal do Reggae*. Em 1998, lançou seu primeiro disco, o homônimo pela Atração Fonográfica, com distribuição nacional.

A banda é formada por Paulo Dionísio, Lúdi Oliver, Tom Dubeko Jr, Isnard Prates, João Costa, Jorge Cidade e Renato Batista.

Fotos cedidas pelos biografados ou pelos respectivos produtores.



Carlos Adler



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleiton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boieadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

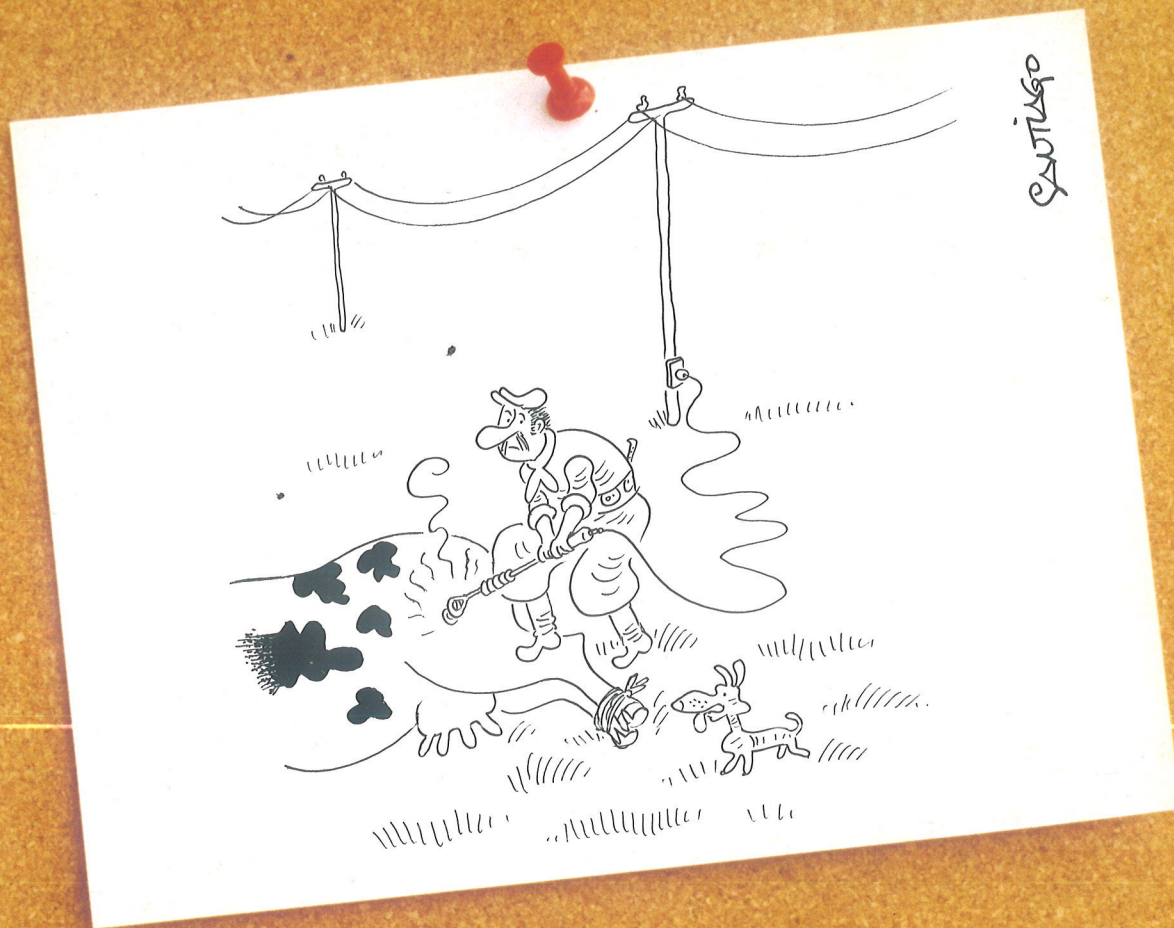
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrtton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



www.ceee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura